

O homem que viveu duas vezes

Sexta feira a noite. Homem internado com insuficiência respiratória. Oitenta e oito anos, branco, sobrenome irlandês, fala com estridor laríngeo. Pede paciência pelo sussurro lento e trabalhoso. Quer contar sua história apesar do esforço: - “Pode me chamar de O-homem-que-viveu-duas-vezes. Vim para morrer. Tenho câncer de laringe, metástases no pulmão, estou aqui para morrer. Vim porque não quis submeter minha mulher e filha a minha agonia por falta de ar em casa. Não preciso de nada. Apenas que me assegurem que não haverá traqueostomia ou outros tubos colocados em mim. Tenho doença de Parkinson, melhorado com remédio, que tomo há três anos . Do resto nunca tive doença. Vivi duas vezes. Estará escrito na minha lápide: - O homem que viveu duas vezes.- Tive uma vida bem vivida. Fui porteiro do Plaza em frente ao parque. Usava uniformes muito bonitos. Era alto, agora encurvei um pouco. No inverno belos casacos pesados, e que chapéu! Ficava à porta recepcionando os hóspedes. Abria os carros, ajudava a tirar malas, perguntava como tinha sido a viagem, me sentia bem, perto de tantas celebridades. Muitas eram visitas recorrentes do Plaza, sempre se hospedavam lá, algumas lembravam de mim, chegaram a me chamar pelo nome. Quando voltava para casa , contava para minha mulher, com que famosos eu havia conversado no dia. Dia após dia, estações do ano que fossem, eu contemplava o parque em frente, as árvores mudando a roupa e esperando pelo retorno dos meus hóspedes elegantes trajando a nova moda. Um dia de inverno, entrando pela grande porta giratória, carregando pequenos pacotes para uma grande atriz, que atuava num teatro ali perto durante a temporada, ela me perguntou: Diga Patrick ! Há quantos anos a gente se conhece? Era mais de trinta, mas eu não me atrevi a sugerir a uma grande dama do teatro, que eu a conheci jovem e bonita. – Aos setenta me aposentaram. Passei a ficar em casa. Sempre vivemos bem os três. Minha filha nunca se casou, as duas eram muito ligadas e dedicadas a mim. Apesar de todo o carinho fiquei desanimado. A vida tinha acabado. Era uma pequena casa e havia pouco a fazer. Cheguei a não sair da cama. Isto durou seis meses. Um dia acordei com a determinação de voltar ao meu trabalho. Fui ao Plaza, conversei com o gerente, ele ficou comovido e

recomecei no dia seguinte. Trabalhei lá mais quinze anos felizes. Por isto que sou o-homem-que-viveu-duas-vezes.

Há três anos por causa de rouquidão diagnosticaram câncer na minha laringe. Ao mesmo tempo acharam que eu tivesse doença de Parkinson. Eu não quis cirurgia ou qualquer tratamento do câncer. Era o homem que já viveu mais que os outros. Também eu não queria traqueostomia. Queria morrer inteiro, sem pedaços faltando. Não deu mais para trabalhar, faltou a voz. Fiquei em casa. Agora há alguns dias desperto de noite sufocado. O ar não passa mais, quando durmo. Ontem o médico me disse, que também já tinha metástases pulmonares no raios X e me encaminhou para cá. Estou aqui precisando só do meu remédio para não ficar rígido e de algo para dormir hoje. E por favor nada de manobras de ressuscitação! Eu já sou o-homem-que-viveu-duas-vezes. “

O Plantonista gostou dele, embora levasse mais de duas horas para transcrever os sussurros. O-homem-que-viveu-duas-vezes parecia precisar se justificar. O Plantonista lhe assegurou que tudo seria como ele quisesse, e deixou prescrito com letras grandes.

O Plantonista dormiu sem ser chamado.

O-homem-que-viveu-duas-vezes foi transferido no meio da noite para a UTI. Parou de respirar, acionaram os códigos de ressuscitação, apesar da prescrição para que não o fizessem.

O Plantonista, de manhã, não o vê no quarto. Aflito por ter falhado com o compromisso, vai atrás dele na UTI. O encontra num leito bem iluminado por uma grande janela. Lá fora a brisa faz cintilar o sol matinal nas pequenas folhas de uma árvore próxima. Intubado com canula traqueal, corpo totalmente rígido (não puseram ainda a sonda nasogástrica para alimentá-lo e para lhe administrar seu remédio para o Parkinson), olha para o Plantonista com ar fixo, interpretado como urgência de comunicação. Não consegue escrever por causa de tremor intenso. Estabelece-se com ele um código: duas piscadas significa não, muitas piscadas rápidas significa sim. Em resumo: ele quer que o Plantonista tire o tubo endotraqueal e que o deixem em paz!

O residente da UTI, que acompanha esta comunicação, depois da amarga reclamação do Plantonista por não terem observado a prescrição e terem submetido o paciente a uma agonia desnecessária, diz que não se pode desligar a

assistência respiratória, sem autorização do chefe da UTI. É sábado, não virá trabalhar. Por telefone não autoriza. Liga-se então para o chefe da Oncologia. Em uma hora os dois chefes estão lá, numa sala pequena, sentados, os dois times ao longo de paredes opostas. De costas para o sol entrando pela janela, a esposa e a filha, atentas, formais, antiquadas, sentadas com chapéu na cabeça, serenas com as mãos modestamente repousando sobre suas bolsinhas no colo, de frente para quem entra. O Plantonista é o último a entrar. Logo pedem que recontar a história. A montagem cênica o remete a Inquisição, logo dá lugar a uma intuição, que ele terá que produzir uma história muito bem contada, para justificar aos chefes a vinda ao hospital num sábado. Então repete, virado para a esposa e a filha, a conversa, que teve com o homem-que-viveu-duas-vezes na noite anterior e a situação na qual todos se encontram aqui e agora. Silêncio. O chefe da UTI pergunta: - “O que as senhoras acham?” A esposa fala:- “Acho que não podemos ir contra a vontade dele.” - Silêncio. - O oncologista chefe fala: - “Muito obrigado. Querem vê-lo?” - “Não, já nos despedimos em casa, quando ele veio ser internado”. - O Plantonista sai sem falar nada, vai a UTI, ao homem-que-viveu- duas-vezes, durinho na cama, com tubo na garganta e com sua terceira vida muito assustada nos olhos estatelados, e lhe diz:- “Conheci sua esposa e filha. São pessoas boas. Você teve sorte. Ainda quer que eu tire o tubo? Pisque muito se sim e apenas duas vezes se não!”. Ele pisca muitas vezes. O residente da UTI ajuda a contragosto, o paciente é sedado, tira-se o tubo, ele para de respirar e o monitor aos poucos sinaliza a parada cardíaca. Enquanto isto o Plantonista segura a mão do homem, que viveu três vezes e com olhos úmidos vê pela janela árvores vergadas pelo vendaval, suas folhas sussurrando. Continuação vigorosa dos sussurros da noite anterior, despreendendo folhas, que voam em redemoinhos. E enquanto a mão esfria, o Plantonista sente, que seria bom travar uma relação intensa com o vento. Decide, que na primeira ocasião, que seu trabalho permitir, vai aprender a velejar.